

---

Peter Burke, Ronnie Po-chia Hsia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. [Trad. Roger Maioli dos Santos] São Paulo: UNESP, 2009, 296 p.

---

*A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*, organizado por Peter Burke e Ronnie Po-chia Hsia, tem como meta apresentar uma visão geral da tradução nos primórdios da Europa Moderna e discutir a relação entre línguas no contexto da tradução entre culturas.

Utilizando-se de uma perspectiva histórica, Burke explica a tradução cultural como a “descrição do que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro”(p. 15). Trata-se, em outras palavras, de transformar os conceitos e as experiências humanas em equivalentes em outras línguas, o que implica em um duplo processo: a descontextualização e a recontextualização.

Uma das justificativas para a necessidade de se estudar a tradução sob a perspectiva histórico-cultural está no fato de que, por longo tempo, as práticas

tradutórias permaneceram sob responsabilidade de especialistas em língua e literatura e não foram devidamente avaliadas pelos historiadores, existindo uma lacuna no que se refere a um contraste maior entre as culturas. Preencher esse hiato e estimular o diálogo entre profissionais dos Estudos de Tradução e os da História Cultural é um dos principais objetivos dos autores e o que nos parece bastante adequado dada a vertente interdisciplinar que a tradução pode abarcar.

Ao focar a atividade dos tradutores e o legado da tradução entre os séculos XV e XVIII, os autores dos 12 ensaios que compõem a obra partem do princípio de que a prática da tradução foi fundamental para os grandes movimentos culturais da Europa Moderna: Renascimento, Reforma, Revolução Científica e Iluminismo. Desse modo, a natureza do objeto focado – a tradução na Europa no período moderno – é o ponto de apoio para um olhar crítico sobre a conexão entre as línguas, como latim, grego, russo, turco e chinês, e a cultura, política, religião e ciência do período.

Além da introdução, o livro é dividido em três partes, as quais, por sua vez, estão subdivididas

em quatro capítulos. Dentre os temas que perpassam todos os ensaios estão o debate sobre a maneira de traduzir; as normas, as estratégias e as convenções que regeram a prática da tradução nesse período; as discussões sobre tradução livre e tradução literal; as dificuldades da adequação de ideias e termos de uma língua para outra; o intercâmbio de valores e a complexa tarefa de lidar com termos intraduzíveis. Vale lembrar que todas essas questões já são bastante conhecidas, especialmente no meio acadêmico.

Um aspecto a ser destacado deste livro é que os autores se concentram nas traduções de textos não literários, com particular ênfase nos textos religiosos, políticos e científicos. Diante da impossibilidade de conhecer, pelo menos no momento atual, todas as obras que foram traduzidas dentro desse quesito, isto é, de ser um texto ensaístico, são focadas apenas os textos publicados, excluindo-se os manuscritos.

A primeira parte da obra intitula-se *Tradução e língua*, e tem nas diferentes línguas o ponto de partida para se estudar o intercâmbio de informações entre culturas. O ensaio introdutório de Peter Burke é de particular

valor para compreender a tradução como um aspecto social e cultural na Europa Moderna. Após comentar os aspectos antropológico e cultural da tradução, Burke examina historicamente a profissão, o status e o ofício do tradutor, que raramente era um profissional voltado unicamente à tradução, e explora uma série de questões que envolviam a prática tradutória no período moderno: o que se traduzia? Quanto e como se traduzia? Com que intenção? Para quem? Com que consequências?

A partir da consulta a um número exaustivo de fontes, Burke conclui que as obras mais traduzidas foram as de cunho religioso. É oportuno destacar que o leitor encontrará poucas referências à tradução da Bíblia. O próprio autor explica que o grande número de estudos existentes sobre a tradução desse livro deixou em segundo plano doutrinas e histórias de santos, igualmente ou mais utilizados no período. Governantes, papas e jesuítas patrocinaram a tradução de tais obras para converter os pagãos de lugares distante como a China ou para aproximar países como a Suécia e a Rússia da Europa Ocidental. Além disso, a tradução dos textos religiosos em latim para as

línguas vernáculas teria contribuído para elevar o status dessas línguas, bem como enriqueceu o vocabulário devido aos neologismos criados pelos tradutores. Dialogando com importantes teóricos da tradução como Toury, Levefere, Venuti e Pym, o autor mostra que as obras traduzidas revelam o que uma cultura julga interessante em outra, pois “a escolha de itens para a tradução reflete as prioridades da cultura hospedeira” (p. 26). Por outro lado, há de se considerar também o princípio de confirmação, isto é, traduz-se obras que sustentam ideias e preconceitos já presentes na cultura para a qual a tradução se destina.

Na sequência, o ensaio de Hsia trata da missão jesuítica na China (1583-1700) e fornece um notável exemplo de intercâmbio cultural, focado em textos europeus traduzidos para o chinês. O autor acentua que a tradução entre as línguas neolatinas e o chinês era caracterizada por paráfrases e compilações, o que não raras vezes originava novas obras. Já o estudo de Eva Kowalská dedica-se ao estudo da língua como transferência de valores culturais a partir do caso da identidade e da religião dos eslovacos frente

ao avanço das ideias luteranas no início da era moderna, enquanto Burke analisa as traduções para o latim e explica a sua importância por essa ser a língua mais comum de investigação para os primeiros modernos que ainda não conheciam as línguas vernáculas.

A segunda parte, *Tradução e cultura*, inicia com um capítulo dedicado à tradução dos textos católicos; em seguida discute-se a tradução de textos de teoria política de modo a destacar como temas políticos específicos de cada cidade ou país foram reformulados através da tradução para novos públicos. Da mesma forma, o capítulo que segue, *Traduzindo histórias*, mostra a adaptação de um determinado texto ao público para o qual a tradução se destina, dessa vez a partir da tradução de obras de história. Por fim, o último capítulo discorre sobre a tradução de periódicos e fornece mais um exemplo da tradução cultural que se move além dos limites da linguística.

*Tradução e ciência* é o título da terceira e última parte da coletânea, na qual são relatados casos da transferência do conhecimento científico entre diferentes culturas através da experiência de cientistas, médicos, geógrafos e

cartógrafos. No primeiro capítulo avalia-se o papel das traduções nos intercâmbios científicos europeus nos séculos XVI e XVII, especialmente de obras médicas, e problematizam-se as publicações em vernáculo, pois o latim era a língua universal do período que permitia o acesso ao conhecimento médico, o que explica por que as traduções em línguas vernáculas não eram comuns. Os capítulos seguintes tratam, respectivamente, das traduções de textos para o grego entre 1400 e 1700; das traduções para o turco nos séculos XVI e XVII e o consequente intercâmbio de conceitos, técnicas, práticas e ideias; e das traduções na Rússia. Ambos os capítulos tratam da tradução de textos científicos em áreas como Aritmética, Geometria, Astronomia, Cartografia e Medicina.

Ao lermos *A tradução cultural* deparamo-nos com realidades e experiências diferentes em que as partes são coerentes entre si, mas que também podem ser lidas separadamente. Interessados em problematizar a ausência de estudos sobre a tradução realizados por historiadores, os autores se propõem a examinar o tema a partir da relação entre línguas no contexto da tradução entre cultu-

ras. As experiências de tradução são narradas e analisadas a partir da condição dos tradutores, dos objetivos e dos meios de tradução, de modo que a análise crítica é enriquecida com centenas de exemplos de documentos, de obras literárias e científicas. Nesse sentido, a coletânea de ensaios difere-se das publicações de estudos isolados e se constitui uma referência fundamental para os pesquisadores dos Estudos da Tradução e da História Cultural, mas também para o leitor interessando na evolução de um determinado desenvolvimento da tradução em uma sociedade.

A obra tem o mérito de sistematizar alguns dos estudos mais recentes sobre a tradução na Europa Moderna, como a tradução de textos religiosos, políticos e científicos. Diferenças entre culturas, bem como entre línguas, reduzem o que se chamou de “tradutibilidade” dos textos, isto é, dos problemas que existem na tradução de culturas e línguas diferentes levando, às vezes, à impossibilidade da tradução. A questão da possibilidade ou não da tradução está no centro dos debates e instiga novas pesquisas, por isso, Burke defende que os historiadores também devem se

interessar por elas na perspectiva da tradução de línguas como tradução de culturas, e essa questão potencialmente aponta para novas áreas de pesquisa, principalmente para os historiadores.

Por fim, os organizadores destacam que ainda resta muito a fazer sobre a história cultural da tradução. É, sem dúvida, uma importante obra que se junta a todos

os que vêm renovando o estudo dessa temática e, por refletir sobre os diversos pontos em que a condição da tradução interliga-se e coincide com a história, a linguística, a literatura, a arte e a ciência, oferece importantes contribuições que servem também para instigar leitores e pesquisadores a embrenhar-se nesse campo.

Karine Simoni

UFSC

---